

A ajuda mútua como princípio organizativo na cozinha comunitária do Bairro Morada Nova em Uberlândia, Minas Gerais

JOSIANE CRISTINA DUARTE

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA (UFU)

RODRIGO MIRANDA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA (UFU)

KÁRITA BARBOSA DOS SANTOS

A ajuda mútua como princípio organizativo na cozinha comunitária do Bairro Morada Nova em Uberlândia, Minas Gerais

RESUMO

Diante da situação de desigualdade social e econômica no Brasil, o que se tem como resultado é um cenário de pobreza e insegurança alimentar. Por esse motivo, a economia solidária ressurgiu como uma possibilidade de amenizar essa situação. A economia solidária é organizada por pessoas da própria comunidade com o objetivo de alimentar a população necessitada e ajudar a resgatar a dignidade e esperança desses cidadãos. A cozinha comunitária é mantida por doações e ajuda da comunidade, com mulheres saindo de suas casas para proporcionar o bem-estar das pessoas carentes. O movimento tomou força por conta da pandemia, que aumentou a vulnerabilidade de muitas comunidades. O texto destaca a importância de viabilizar o aproveitamento das perdas e conter a insegurança alimentar, bem como propiciar alternativas de trabalho para aqueles menos favorecidos. O artigo apresenta como problema de pesquisa a seguinte questão: como funciona a cozinha comunitária do Morada Nova na cidade de Uberlândia-MG? Busca compreender a forma como as atividades surgiram e se mantêm através dos princípios da ajuda mútua e da solidariedade. O movimento das cozinhas comunitárias surge como uma possibilidade de enfrentar a desigualdade econômica e social no Brasil. Nesta forma de ação é possível ver a organização e solidariedade entre as comunidades para enfrentar a insegurança alimentar e a pobreza. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, no formato de estudo de caso, no qual as ferramentas metodológicas utilizadas para obter informações foram: observação não participante, análise documental e entrevistas. A pesquisa documental foi feita a partir de notícias em jornais, revistas e vídeos que saíram na mídia local a respeito das atividades das cozinhas comunitárias. Por fim, considera-se que mesmo sem a ajuda do Governo ou Estado, a cozinha comunitária do bairro Morada Nova vem se mantendo com a cooperação de voluntários e doações de instituições que promovem campanhas e atividades visando amenizar o problema da fome e da miséria no Brasil contemporâneo.

Palavras-chave: ajuda mútua; solidariedade; princípios organizativos.

INTRODUÇÃO

No atual cenário brasileiro, de grande desigualdade social e econômica surgem projetos que amenizam essa situação. No Brasil a economia solidária ressurgiu por volta dos anos 80, onde diversas organizações se juntaram para compartilhar as suas experiências, empresas falidas e recuperadas pelos seus trabalhadores, grupos e associações comunitárias de caráter formal e informal, associações e cooperativas constituídas por agricultores, movimentos sem terra, movimentos sem teto, associações e ONGS.

De acordo com a Folha de São Paulo (2022), o Brasil passou por um aumento expressivo nos níveis de pobreza e insegurança alimentar, especialmente com o início da pandemia de Covid-19. Segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD), 47,3 milhões de brasileiros terminaram o ano de 2021 na pobreza, o equivalente a 22,3% da população total. Um resultado alarmante dessa pesquisa é o da pobreza infantil: são 19 milhões de crianças e adolescentes (de zero a 17 anos), cuja continuidade nos estudos e aprendizado, e o consequente desenvolvimento pleno como cidadãos, ficarão comprometidos.

Quando se fala sobre fome e miséria, podemos citar uma pessoa que fez a diferença na sociedade. Herbert José de Souza, conhecido como Betinho, foi sociólogo e ativista dos direitos humanos no Brasil. Um dos movimentos de destaque criado por Betinho foi a “Ação da Cidadania contra a Fome, a Miséria e pela Vida”, que mesmo sem a ajuda do governo arrecadava e distribuía alimentos para a população carente, fundada em 1993. Em 1995, a Ação da Cidadania passou a priorizar a luta pela democratização da terra como forma de combater a fome e o desemprego. A frase: “Quem tem fome tem pressa” é uma das que mais representa o seu legado: um homem de grande atuação em trabalhos sociais no Brasil. No entanto, a fome passou novamente a ser uma questão importante na vida de muitos brasileiros que sentiram na pele o retrocesso econômico e o colapso social que se agravaram nos últimos anos.

No Brasil contemporâneo, os movimentos auto-organizados e de ajuda mútua estão nas periferias. O Movimento Sem Terra (MST), o Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST), e associações e ONGS como a Central Única de Favelas (CUFA) resgatam princípios importantes como a solidariedade, participação e apoio mútuo. Masson (2021) descreve o movimento das cozinhas solidárias do MTST no município de Uberlândia, Minas Gerais. A reportagem segue dizendo que são ao todo 7 cozinhas comunitárias no município e que elas fornecem mais de 2.000 marmitas diariamente.

Outras iniciativas surgiram nas periferias com o intuito de prover comida aos que têm fome. No entanto, por serem ações que estão longe dos centros de discussão e vistos como ações menores e sem importância acadêmica, acabam ficando escondidos as margens da sociedade, nas periferias dos municípios. As iniciativas existem e estão aí. Muitas vezes precisam do apoio da comunidade na forma de doações e orientações. Dessa forma, surge o problema de pesquisa que orienta este trabalho pode ser enunciado da seguinte forma: como se dá o funcionamento da cozinha comunitária do Morada Nova na cidade de Uberlândia-MG? O objetivo principal é conhecer, identificar e compreender a forma como as atividades surgiram e se mantêm através dos princípios da ajuda mútua e da solidariedade.

O trabalho está estruturado em cinco partes além desta introdução. Nas partes dois e três são apresentados os conceitos da autogestão e as organizações substantivas de inspiração anarquistas e o conceito de ajuda mútua em organizações solidárias. Depois, é apresentado os aspectos metodológicos do trabalho e na sequência conta-se a história da cozinha comunitária do bairro Morada Nova no município de Uberlândia-MG. Com isso espera-se esclarecer como as ações de ajuda mútua e solidárias conseguem realizar suas atividades sem o aparato estatal, mas com o apoio da comunidade local.

2 ANARQUISMO, AUTOGESTÃO E ORGANIZAÇÕES SUBSTANTIVAS

Proudhon foi um dos primeiros a se declarar anarquista. Foi membro do Parlamento francês e oriundo de uma família de pequenos burgueses na França. Ele criticou o Estado nas organizações políticas e na propriedade. Segundo ele, a propriedade é o símbolo maior do capitalismo e assim o maior motivo da desgraça humana, e o Estado seria apenas o aparato repressivo para a existência dela (PROUDHON, 1988). As temáticas autogestão, ajuda mútua, cooperativismo estão relacionados desde o século XIX, com autores que defendiam a ideia de viver em uma sociedade sem a presença de um mestre ou um soberano. Suas características são a suspensão do estado e a eliminação do sistema capitalista.

O anarquismo, assim, é uma filosofia política que pode despertar no homem a consciência de si mesmo e se opõe a dois grandes opressores: a propriedade privada e o estado, aos quais Goldman (1911) acrescentou a religião a essa equação. Para ela, todas as formas de governo estão vinculadas à violência e são erradas e perigosas, assim como desnecessárias. Havel (1911), salienta que Estado e mercado são considerados as formas superiores de organização, mas que tem por finalidade a manutenção da exploração entre ricos e pobres, proprietários e não proprietários. Sobre o problema da fome Goldman pronunciou em seu famoso discurso de 1983 em Nova York: “Proteste diante dos palácios dos ricos; exija trabalho. Se não te derem trabalho, exija pão. Se eles negarem ambos, tomem o pão”.

Apesar do tom combativo, Goldman (1911) discute que a organização é o agrupamento natural e voluntário de energias que vão assegurar resultados benéficos para a humanidade. A função organizacional é o desenvolvimento e o crescimento da personalidade dos indivíduos, de maneira não autoritária e não violenta. Organizações são compostas por individualidades conscientes e inteligentes. E Goldman via ser possível a existência de organização sem disciplina, medo ou punições e sem o medo da pobreza, da miséria e da fome. Esses posicionamentos políticos ficaram esquecidos em meio à vitória política do campo liberal e se tornaram menores nas discussões atuais sobre as organizações, visto que o modelo e a lógica empresarial passaram a ser o modelo predominante.

Nos estudos organizacionais críticos Parker, Fournier e Reedy (2007) apresentam um dicionário de alternativas como tópicos que salientam a diversidade organizacional que vão além da empresa capitalista. Os vários verbetes chamam atenção para elementos do cotidiano social nos quais a solidariedade, a participação e o voluntarismo estão presentes. Parker, Cheney, Fournier e Land (2014) escreveram um texto importante que destaca as características de organizações alternativas ao sistema capitalista. Várias organizações se constituem de forma voluntária, sem hierarquias e sem a opressão do sistema predominante, diferentes portanto, das empresas tipificadas nos livros destinados aos estudantes de Administração. Por fim, recentemente, Parker, Stoborod e Swann (2020) mostram a importância de apresentar perspectivas críticas para os estudantes de gestão e o fazem trabalhando os conceitos de organização e gestão frente ao conceito de anarquismo.

Nos estudos organizacionais e nos estudos sobre gestão há o esquecimento, ou minoração, dos estudos que tendem a refletir e buscar entender as questões políticas relacionadas à liberdade, à autonomia e à falta de necessidade de controle sobre os indivíduos (SFERRA, 1987; GREABER, 2004, 2009; WALTER, 2009; WARD, 2014, ANDERSON, 2014). Geralmente, são estudos que têm uma orientação crítica e voltado para ideologias políticas críticas ao modelo liberal vigente. São poucos os estudos que abertamente citam o anarquismo no Brasil. Estes geralmente estão relacionados aos estudos críticos de gestão (ALVESSON; WILLMOTT, 2003; PRASAD; PRASAD; MILLS; MILLS, 2016).

Morgan (1996), em seu livro "Imagens de Organização", concentra em apresentar diferentes perspectivas teóricas e imaginativas sobre organizações e seu funcionamento. Morgan discute o conceito de “Organização sem poder” que pode ser visto como uma ideia central do anarquismo, que busca descentralizar as estruturas hierárquicas, e distribuição do poder dentro de uma organização. Morgan se posiciona e diz que embora a abordagem da organização sem poder possa ser atraente, ela pode não ser prática ou eficaz em todos os contextos. O autor concorda em alguns aspectos com os autores acima citados, porém não acredita totalmente na ideia.

Segundo Morgan, a organização pode ser vista como um sistema político, onde o poder é distribuído e as decisões são tomadas com base em negociações e coalizões. Neste modelo, há uma ênfase na competição e no conflito, com cada grupo lutando por seus próprios interesses e objetivos. Há também a possibilidade de autogestão, onde os membros da organização têm o poder de tomar decisões e administrar seus próprios assuntos sem a intervenção de uma autoridade central. Este modelo promove a colaboração, a participação e o engajamento dos membros, aumentando sua motivação e satisfação com o trabalho. No entanto, é importante manter um equilíbrio entre a autogestão e a necessidade de tomar decisões eficientes e alinhadas com os objetivos da organização como um todo.

Morgan (1996) ainda acrescenta que as organizações não são apenas máquinas técnicas, mas também sistemas políticos nos quais o poder é exercido de diversas formas. Dentre as fontes de poder, destacam-se a autoridade formal, o controle dos recursos, a estrutura organizacional, o conhecimento e a informação, os limites da organização, a habilidade de lidar com incertezas, a tecnologia, as alianças interpessoais e a organização informal. O presente trabalho, dará ênfase ao controle do processo de tomada de decisão em organizações autogestionárias. Embora as outras fontes de poder também estejam presentes, elas não serão analisadas neste momento.

Apesar de apresentar um texto que expõe as mazelas do sistema capitalista de produção, Morgan (1996) apresenta uma crítica contida levantando a importância da questão política para os estudos organizacionais, as limitações e problemas sistêmicos do capitalismo desconsiderando, no entanto, as alternativas e a crítica radical que ficam fora de sua análise.

A tradição crítica no Brasil apesar de não ser ampla, ela é representada por pensadores inovadores, que não gerou tantos frutos como se poderia supor. Se de um lado a Europa se apresenta como um local de tradição humanista, o Brasil se assemelha mais a proposta americana de eficiência e produção com foco nas estruturas, em contraposição ao foco na emancipação humana. Motta (2001) e Paes de Paula et al (2010) nos lembram da tradição crítica nos Estudos Organizacionais. Motta (2001) coloca que Tragtenberg foi um dos fundadores mundiais da teoria crítica, se encaminhando para um marxismo “autogestionário”, influenciado por várias correntes de pensamento, uma entre elas a anarquista.

Por outro lado, Oliveira e Ferreira (2013) denunciam que o pensamento e as práticas ideológicas hegemônicas agem com demasiado apego ao cargo e fogem à participação social ativa escapando desta forma à responsabilidade de suas ações e atrelando sua atividade à uma suposta “neutralidade”. Amorim e Brüning (2015) entendem que a crítica, além de possuir seu lugar no campo das pesquisas científicas, cumpre também o papel social de demonstrar que a existência de outros paradigmas (mais elevados) é possível.

Casagrande e Câmara (2011), Cavedon e Oliveira (2013), Cavedon e Chiesa (2015) e Barcellos et al (2017) apresentam exemplos de organizações que possuem em sua constituição a presença de elementos anarquistas, demonstrando que as práticas contra-hegemônicas existem, que são possíveis e que existem alternativas ao modelo capitalista vigente. Os estudos são apresentados em um contexto crítico ao sistema. A anarquia, ao invés de caos e desorganização pode levar a formas organizacionais diferentes, tendo os indivíduos como responsáveis e comprometidos com a superação de suas dificuldades através da solidariedade e da ajuda mútua.

A análise de fenômenos sociais e organizacionais como os da ajuda mútua e da autonomia de movimentos solidários é importante e necessário, especialmente ao se observar a falta de oposições consistentes ao modelo capitalista e a pulverização de uma postura irônica ou de apatia e impassibilidade frente às agruras da sociedade e frente às alternativas que são apresentadas por teóricos e estudiosos, mas também e especialmente pela prática social comunitária.

Não existe sistema social perfeito e a crescente desigualdade social, gerada pela desigualdade de renda e de oportunidades levaram muitas famílias a situações de miséria e pobreza, sendo colocadas às margens da sociedade. No movimento e no pensamento anarquista pode-se encontrar princípios organizativos (WARD, 2004) que possibilitam a valorização da autonomia, da solidariedade, da ação direta e da ajuda mútua nas comunidades humanas. A terminologia “ajuda mútua” surgiu com influência de Kropotkin (2009) que buscou, ao cunhar o termo, retratar a construção e a continuidade de relações sociais onde as pessoas se juntam na busca de resolução de problemas, ajudando uns aos outros sem o aval de entes estatais ou de empresas privadas, se posicionando portanto do lado de fora do sistema de poder injustos.

Maurício Tragtenberg foi um estudioso da obra de Kropotkin, mas falou pouco sobre os movimentos populares e sua organização. Sua obra estava mais voltada para a questão do trabalho e a organização sindical. Tragtenberg (2004) via que o trabalho e suas relações são definidores do indivíduo em sociedade. Para ele o elemento que cria e perpetua a dominação e a desigualdade é a burocracia e sua consequente divisão do trabalho que transforma indivíduos capazes em seres submissos, disciplinados, obedientes e incapazes. Impedindo o exercício da autonomia, sendo continuamente reprimidos por meio da aplicação de punições ou distribuição de prêmios que reduzem a dignidade humana.

4 ASPECTOS METODOLÓGICOS

O problema de pesquisa que orienta este trabalho pode ser enunciado da seguinte forma: como se dá o funcionamento da cozinha comunitária do Morada Nova na cidade de Uberlândia-MG? O objetivo principal é compreender a forma como as atividades surgiram e se mantêm através dos princípios da ajuda mútua e da solidariedade. As cozinhas comunitárias ou solidárias representam um fenômeno recente na sociedade brasileira e foco de atenção de alguns poucos estudos. (ANTONIO, DA SILVA GUERRA, 2022; MANOEL, ANDION, 2023; LUNARDON, 2023). Mesmo assim, o aspecto organizativo fica de fora das análises. O interesse em compreender o funcionamento destas ações ou os princípios organizativos que as orientam vem da curiosidade de se saber como ações marginais, sem estruturas formais definidas, sem hierarquia e sem recursos conseguem se manter.

Esse estudo, trata-se de uma pesquisa qualitativa de caráter descritivo (GODOY, 1995, p. 58) realizado a partir da observação indireta, análise de documentos e entrevistas semi-estruturadas. Inicialmente, buscamos entrar em contato com os encarregados do projeto para obtermos informações sobre a origem e o modo de funcionamento da cozinha comunitária, assim como sobre a forma como eram supridas as necessidades de alimentos para a realização das atividades. Depois, foram realizadas 5 entrevistas com duas coordenadoras da cozinha e 3 voluntárias. Foram realizadas também três visitas ao local de funcionamento da ação para observação de como ocorrem as atividades. Em uma das visitas

foi realizada uma ação social de valorização do trabalho das mulheres envolvidas com a cozinha.

6 CONHECENDO A COZINHA COMUNITÁRIA DO BAIRRO MORADA NOVA, UBERLÂNDIA, MINAS GERAIS

o que é uma cozinha comunitária? Uma ação desenvolvida por moradores do próprio bairro na periferia da cidade, que tem como o objetivo principal o fornecimento diário de marmitas às pessoas que se encontram em situação de fragilidade social ou até mesmo de exclusão social.

Os responsáveis pela organização da cozinha comunitária foram convidados a participar de uma aula para falarem da ação realizada e se pronunciarem sobre como a proximidade com a universidade é importante, podendo ser também benéfico. Em sala, a fome foi apresentada sob uma dimensão prática: quantidade, medidas, porções, logística, organização etc. foram discutidos. Os 35 kg de arroz necessários diariamente para a manutenção da cozinha, por exemplo, e as dimensões práticas para conseguir o produto, ter acesso a ele, o acesso também aos insumos, as atividades feitas por cada membro (lavar, picar, montar o prato, distribuir) foram esclarecedoras sobre como funciona e como se organiza a equipe da cozinha comunitária.

A cozinha funciona ativamente de segunda-feira a sexta-feira. A movimentação vai crescendo paulatinamente até chegar no fim de semana, onde a demanda por marmitas é maior. Isso ocorre pela atuação de outros agentes comunitários nos finais de semana que fazem com que haja uma diversificação na distribuição, alcançando, mais pessoas, por meio da entrega de sopas e almoços coletivos. No dia a dia são distribuídas uma média de 190 marmitas, no entanto, esse dado é estimado, pois não existem controles formais.

O trabalho na cozinha acontece de forma artesanal sem muitas regras ou orientações, conforme dito por um dos representantes: “se seguissem as regras da prefeitura não poderiam continuar as ações”. As questões básicas de higiene e de preparo de alimentos são respeitadas, no entanto as condições físicas do local são ruins.

As refeições são preparadas por mulheres voluntárias, que saem de suas casas com os seus filhos, percorrem vários quilômetros a pé, ou dependem de transporte voluntário para conseguir preparar o alimento para essas pessoas e para os seus filhos, que muitas vezes não têm o que comer na sua própria casa. A ação apoia a população sem nenhum preconceito de raça, religião ou partido político, só enxerga a população como pessoas que estão precisando de ajuda.

Assim, são divididos os trabalhos para duas equipes que se revezam na cozinha semanalmente. Cada equipe tem uma liderança que conduz os trabalhos determinando o que será produzido e quais são as atividades a serem executadas no dia. Geralmente, as mulheres voluntárias na cozinha também são provenientes de situações de fragilidade social e encontraram ali uma forma de atuação na comunidade que vai lhe garantir o sustento para sobrevivência. Além de poderem se alimentar do que produziram ao final do mês, as voluntárias também ganham uma cesta básica para levar para a casa.

Depois da visita, foi possível ter uma visão mais ampla e aprofundada sobre a cozinha comunitária: uma ação social espontânea da comunidade da periferia, sem registro formal e

atuando de forma precária e provisória que consegue sua sustentação através de doações da comunidade e da atuação de algumas organizações locais que desde seu início apoiaram a iniciativa. As organizações que apoiam a ação da cozinha comunitária estão ligadas ao movimento sindical, alguma organização religiosa, a movimentos de produtores rurais locais ligados a movimentos camponeses de luta pela terra, entre outros.

Essa ação beneficia famílias que estão localizadas em favelas e periferias de Uberlândia, pessoas que estão desempregadas sem renda fixa e auxílio emergencial. O funcionamento da cozinha se dá em um local cedido pela Igreja Nossa Senhora da Abadia, um local simples com pouca estrutura. Os utensílios como panelas, vasilhas, talheres, fogão, pia e torneiras necessários para o funcionamento foram comprados com o apoio da Central de Movimentos Populares Institucional (CMP).

Os alimentos como verduras e legumes são comprados de assentamentos da Reforma Agrária da região, incentivando a agricultura familiar, e uma renda para essa população. Além dos alimentos comprados, a cozinha recebe muita doação. A relação dos assentamentos com as cozinhas é forte, fazendo com que pessoas do assentamento trabalhem como voluntários na cozinha, pois conhecem a luta e a realidade dessas pessoas.

A CMP em ações durante a pandemia da COVID-19, propôs iniciar uma ação específica para beneficiar a população do bairro Morada Nova. A cozinha foi iniciada decorrente de outros projetos, de doações de alimentos e ações sociais que já se encontravam em andamento em outros bairros do município. Assim, as atividades começaram com a atuação de algumas organizações sociais importantes que são: A CMP, já mencionada, em parceria com a Comissão Pastoral da Terra (CPT) e a Ação Franciscana de Ecologia e Solidariedade (AFES), e com apoio da Associação dos Docentes da Universidade Federal de Uberlândia (ADUFU) e do Sindicato dos Trabalhadores Técnico Administrativos da Universidade Federal de Uberlândia (SINTET-UFU).

Os projetos colaborativos têm se destacado na cozinha comunitária Morada Nova, ajudando a garantir alimento de qualidade e minimizando o desperdício. O Mesa Brasil é um desses projetos que reúne empresas parceiras que doam alimentos excedentes ou fora dos padrões de comercialização, mas ainda próprios para o consumo. A iniciativa tem como foco promover a sustentabilidade e combater a vulnerabilidade social, atendendo crianças, jovens, adultos e idosos em situação de fragilidade socioeconômica. Desde 1994, o Mesa Brasil conta com a colaboração do Sesc, promovendo eventos para arrecadação de alimentos.

Outra importante iniciativa presente na cozinha comunitária Morada Nova é a Central de Movimentos Populares Institucionais (CMP). Fundada em 1993, em Belo Horizonte, Minas Gerais, o movimento é resultado de uma longa trajetória de resistência e luta dos moradores das periferias. A CMP também tem uma atuação política, tendo se posicionado em movimentos como o golpe contra a Presidenta Dilma, em 2016, e os protestos contra o governo Bolsonaro na crise da pandemia, em 2021. Para o grupo, a organização coletiva é a chave para uma luta efetiva e duradoura.

Por fim, a atuação da Associação dos Docentes da Universidade Federal de Uberlândia (ADUFU), também faz parte desse movimento solidário, apoiando as cozinhas comunitárias. A associação foi criada em um momento em que o país passava por uma conjuntura difícil e assinalada pelo autoritarismo e pela luta dos movimentos sociais que buscavam o estabelecimento de um regime democrático e a liberdade de organização dos trabalhadores. Durante essas três décadas a associação teve um papel importante tanto na política, quanto para a população com seus debates, assembleias, congressos, passeatas e tantas outras

atividades em defesa de uma Educação Pública gratuita e de qualidade em todos os níveis e de responsabilidade do estado, e lutando por uma remuneração digna e melhores condições de trabalho para professores e cientistas.

Assim, pode-se ver que a ação que tem seu foco no trabalho de mulheres cozinheiras na periferia do município tem um importante papel de reunir várias organizações sociais que se apoiam mutuamente de forma a garantir que uma ação tão importante não deixe de ser realizada. No entanto, nem todos os dias as pessoas podem contar com o alimento e às vezes a comida falta, mas a boa vontade e a determinação de amenizar o problema da fome não.

Análise das entrevistas com as cozinheiras envolvidas na ação da cozinha comunitária do bairro Morada Nova, Uberlândia-MG.

Posteriormente, no mês de maio de 2023, uma entrevista foi realizada com cinco voluntárias que atuam na Cozinha Comunitária. As perguntas realizadas buscavam explorar mais sobre o trabalho que desempenham na cozinha, suas histórias e motivações para o voluntariado. Durante a entrevista, as voluntárias foram questionadas sobre sua trajetória na Cozinha Comunitária, como se organizam e trabalham em equipe, o que a solidariedade significa para elas, o que mais gostam no trabalho voluntário, além do papel que a cozinha exerce em suas vidas.

Elas compartilharam suas experiências como voluntárias, revezando-se no trabalho durante um determinado período, e a motivação de estarem engajadas nesta causa social, colaborando e servindo a comunidade. Através desta seção da entrevista, busca-se compreender a organização do trabalho na cozinha e como as mulheres conseguem conciliar o cuidado com seus filhos e a dedicação voluntária nesse ofício. É importante compreender os motivos que as levam a oferecer seu tempo para ajudar desconhecidos. Através das entrevistas, pode-se evidenciar o valor da solidariedade e da preocupação com o próximo.

O estudo realizado sobre a cozinha comunitária no Morada Nova Uberlândia-MG permitiu uma abordagem sobre o contexto de ajuda mútua, no qual a colaboração e trabalho em equipe são fundamentais. As entrevistadas 1 e 3 destacaram a importância desses valores na construção de relações sociais mais justas.

Esse tipo de ajuda mútua tem origem em teorias propostas por Kropotkin (2009), que contrariando os darwinistas demonstrou que as relações no mundo animal ocorrem por cooperação, e que a competição violenta, quando existe, está reduzida a alguns animais muito específicos e não gregários. A troca advinda de apoio mútuo, é construída fora dos sistemas de poder injustos e se diferencia da caridade.

Assim, a ajuda mútua é uma forma organizativa mais colaborativa e solidária que une pessoas em prol de um objetivo em comum, em um sistema de relações sociais mais justas e igualitárias.

[...] Cada uma tenta ajudar umas às outras, trabalhar organizado, nós somos uma equipe, aí nós trabalhamos sempre juntas. Às vezes a gente reclama das coisas em casa, e a gente vê muita gente que está passando por situações piores do que o da gente, às vezes a gente reclama de barriga cheia.” (Entrevistada 1)

“A minha história começou assim foi quando eu perdi minha mãe. Quando eu perdi minha mãe, eu me isolei praticamente do mundo.[...] Comecei a ouvir o pessoal, pedir ajuda. Eu comecei ver a situação que o povo passa, eu fui pegando amor. Poder ajudar, né? Poder ajudar o próximo. [...] Sinto bem. A gente aprende muita coisa. E assim, aí aqui, é assim uma ajuda a outra, ninguém faz nada sozinho, ninguém fica sozinha, sabe?” (Entrevistada 3)

As entrevistadas 2, 4 e 5 destacam a importância da solidariedade para o bem-estar humano, incluindo as necessidades psicológicas e a autoestima.

[...] É tão bom a gente sente uma felicidade enorme, quando as pessoas vêm e pegam a sua comidinha, e agradece a gente.[...] Solidariedade no meu pensar, é ajudar o próximo, é conversar com alguma pessoa que às vezes está com dificuldades, porque às vezes a pessoa não está precisando ganhar as coisas, ela está precisando de uma palavra amiga. A semana que eu venho eu fico muito feliz. [...]. Mudou muito, ocupou a minha mente.” (entrevistada 2)

“ [...]A gente faz comida com todo amor, [...]Não só me ajudou, como ajuda também, porque a cozinha, de certa forma, me ajuda porque eu levo comida para casa, eles arrumam a cesta pra gente, então é isso aí que eu tô mantendo minha família. Quando chega um morador de rua que fala assim, nossa, estou morrendo de fome, dá uma comida, pelo amor de Deus. Fico dolorida. Se tiver acabado a comida, eu pego na minha marmita. [...]para mim é gratificante. A solidariedade é ajudar o próximo da mesma forma que eu to sendo ajudada. [...]O papel da cozinha na minha vida [...]Veio em uma hora que eu mais precisei e as pessoas que estavam aqui dentro me acolheu. [...] Minha motivação é ver a alegria do povo. Não só de pegar comida, mas também quando chega doações. O sorriso deles, uma criancinha.” (Entrevistada 4)

[...]Sou coordenadora da cozinha. Aqui todo mundo faz um trabalho voluntário, doa o seu momento que esteja disponível. [...]As doação, chega, são todas as pessoas que queiram nos ajudar, ver a nossa dificuldade, a nossa situação. Vem da UFU, da ADUFU, então sim, a gente tem umas pessoas que ajuda, nós temos a Lílian, que é uma das colaboradoras que está sempre juntando. A gente tem muito casal de velhinho que às vezes nem vem aqui para pegar comida, mas vem para bater papo. Então, solidariedade e ajudar o próximo é saber do que ele está precisando, que muitas das vezes a gente acha que a gente, até sendo solidário e eu costumo falar assim, que a solidariedade, que eu pratico, não é para as pessoas. [...]. É pedir a cada vez mais quem puder nos ajudar, que tiver jeito, gente. A minha motivação é pedir, porque se vocês nos ajudam, a gente está

ajudando.[...] Porque a fome ainda está aí para qualquer um ver, e a minha motivação é estar com saúde, com força e com sabedoria para continuar aqui.” (Entrevistada 5)

Ao analisarmos as terminologias "Ajuda Mútua", "Solidariedade" e "Autogestão", é possível perceber uma relação direta com o trabalho realizado na cozinha comunitária. Este trabalho nos demonstra que a colaboração da comunidade pode resultar em sucesso, e que a boa vontade e dedicação de um grupo de indivíduos engajados são capazes de efetivar mudanças significativas na vida de outras pessoas. Além disso, a cozinha funciona como um local de acolhimento, onde as pessoas podem conversar e se relacionar. O projeto conta com doações de pessoas e instituições que veem a importância do trabalho realizado e se dispõem a ajudar. O objetivo é continuar a ajudar aqueles que mais precisam e expandir o trabalho para alcançar cada vez mais pessoas. A motivação dos voluntários é ver a felicidade das pessoas que recebem ajuda e a gratificação pessoal de poder fazer a diferença na vida dos outros. A solidariedade é vista como algo que não é apenas para ajudar os outros, mas também para elevar o próprio espírito. Nesse sentido, pode-se afirmar que a cozinha comunitária está trilhando um caminho promissor para a realização de um projeto de sucesso. Ao entrevistarmos as voluntárias da cozinha, pudemos observar que o trabalho realizado ali é feito com muita dedicação e amor. Essa ação beneficia a todos os envolvidos, demonstrando a organização e a cooperação entre pessoas que buscam proporcionar o bem-estar.

7 ANÁLISE DO CASO FRENTE AOS PRINCÍPIOS AJUDA MÚTUA E SOLIDARIEDADE

A reportagem de Masson (2021) serviu de fonte de inspiração para a pesquisa que se apoiou no fato de existirem no município o número de 7 cozinhas comunitárias que oferecem mais de 2.000 refeições diárias nas periferias. Os pensadores clássicos do anarquismo (Proudhon, 1988; Goldaman, 1911, Kropotkin, 2009) mostram a importância da superação do estado e da propriedade privada para o pleno desenvolvimento dos seres humanos como autônomos e responsáveis pela vida social. Goldman (1911), Havel (1911) e Ward (2004) compactuam que a possibilidade de existência de uma sociedade na qual não existe autoridade máxima e suprema do Estado e da propriedade, por mais utópico e distante que isso possa parecer. Os autores também destacam a importância da organização nesse processo. Organizações que possibilitam a valorização da autonomia, da solidariedade, da ação direta e da ajuda mútua nas comunidades humanas (WARD, 2004).

Esse é um fato que chama bastante atenção, pois sabe-se que a produção em série desta quantidade de alimentos não é tarefa simples e exige gestão cuidadosa de alimentos e de processos logísticos bem sofisticados. Morgan (1996) apresenta diferentes perspectivas sobre o funcionamento das organizações, incluindo a ideia de organização sem poder defendida pelo anarquismo, que busca descentralizar as estruturas hierárquicas. O autor argumenta que esse modelo pode ser atraente, mas nem sempre é prático e eficaz em todos os contextos. Ele defende a ideia de que a organização pode ser vista como um sistema político em que o poder é distribuído e as decisões são tomadas com base em negociações e coalizões. No entanto, a crítica radical está fora de sua análise.

Aqui a importância de salientar a necessidade de estudos críticos de gestão que se preocupam com as organizações alternativas e que fazem a crítica à forma de atuação presentes nas organizações capitalistas. Nem todas as organizações são empresas. Nem deveriam ser

gerenciadas como tais. Existem alternativas e possibilidades de interações humanas distintas e que são importantes para a comunidade também a o engrandecimento do espírito humano.

Geralmente, as ações de organizações populares provenientes de movimentos que questionam o estado e o mercado, são descaracterizadas e menosprezadas pelos grupos e organizações que ocupam posições centrais. No entanto, em razão de uma política de isolamento urbano, as periferias não se comunicam ou se aproximam com muita dificuldade dos centros urbanos, permitindo que os movimentos conciliatórios ganhem mais espaço físico e midiático de modo a continuar o processo de usurpação.

Compreender como se dá o funcionamento de tais grupos não é interessante para o *mainstream* dos estudos em gestão ou da administração. Nos estudos organizacionais críticos Parker, Fournier e Reedy (2007) que mostram e exaltam alternativas e que salientem a diversidade organizacional são importantes e necessários. Conhecer outras possibilidades como as destacadas por Parker, Cheney, Fournier e Land (2014) é muito importante para estudantes que veem a gestão e a administração a partir da lógica empresarial. Na verdade, essa lógica é a da opressão do sistema capitalista escreveram um texto importante que destacam as características de organizações alternativas ao sistema capitalista. A organização da rede de ajuda mútua de várias organizações sociais que se constituiu de forma espontânea e voluntária pode ser vista no caso da cozinha comunitária de forma quase que explícita. A forma como a ação se origina e como as pessoas se organizam para arrecadar recursos e atuação dos voluntários e voluntárias só se dá pelo entendimento que as pessoas se organizam de forma proporcionar a ajuda para os mais carentes.

Ao analisar as voluntárias, pode-se observar que na cozinha não existe um vínculo empregatício formal, mas elas seguem uma gestão liderada por uma pessoa mais experiente e engajada no projeto há mais tempo. É notável que as cozinheiras conseguem se organizar de forma eficiente: caso falte algum ingrediente para a refeição planejada, elas substituem por outro alimento disponível, garantindo assim a entrega da refeição para as pessoas que aguardam o almoço. Para garantir o trabalho, elas se dividem em duas equipes, que funcionam de forma intercalada, alternando a liderança entre suas coordenadoras. Ademais, as voluntárias tomam a iniciativa de se organizar na ausência de alguma delas, a fim de garantir a continuidade do projeto. Além disso, o cardápio é preparado diariamente com os ingredientes disponíveis, o que exige criatividade e habilidade na hora de preparar as refeições.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O fenômeno recente das cozinhas comunitárias parece ter ganhado espaço na discussão sobre a fome que se alastrou novamente por todo o Brasil. Esse movimento é organizado por pessoas da própria comunidade, e tem o intuito de alimentar a população necessitada. Pessoas que se unem com um propósito de resgatar a dignidade e a esperança da população, muitas vezes esquecida pela sociedade. O movimento tomou força por conta da pandemia onde centenas de pessoas perderam seus empregos e ficaram em situação vulnerável.

O problema de pesquisa que orienta este trabalho pode ser enunciado da seguinte forma: como se dá o funcionamento da cozinha comunitária do Morada Nova na cidade de Uberlândia-MG? O objetivo principal foi conhecer, identificar e compreender a forma como as atividades surgiram e se mantêm através dos princípios da ajuda mútua e da solidariedade.

A cozinha é mantida por doações e ajuda comunitária, mulheres que saem de suas casas para proporcionar o bem-estar da população carente e dos próprios filhos que muitas vezes não têm o alimento para preparar em suas casas. Algumas comunidades são forçadas a se auto sustentar devido a crises. Viabilizar o aproveitamento das perdas e conter a insegurança alimentar, bem como propiciar alternativas de trabalho àqueles menos favorecidos. Essa população também não pode contar com o apoio do estado, então acabam se organizando para conseguir sobreviver assim mesmo.

O estudo tem uma contribuição teórica ao destacar o valor do pensamento anarquista para a análise de práticas organizativas que vão contra a hegemonia capitalista vigente no mundo contemporâneo. Mostra como a comunidade pode-se organizar como resistências cotidianas que geralmente não são valorizadas, pois destacam a solidariedade, ajuda mútua e a participação comunitária. Resgatar estes elementos em estudos organizacionais é de grande importância para mostrar aos leitores que as possibilidades não se limitam ao mercado.

A contribuição prática vai também na mesma direção uma vez que o estudo mostra como funciona uma ação comunitária que precisou de várias outras organizações e de pessoas voluntárias para desempenhar suas atividades. O resgate da comunidade, da cooperação e do trabalho conjunto fora de contextos filantrópicos ou meramente voltados para uma agenda social pública ou empresarial.

Por fim, socialmente a contribuição se dá no destaque ao trabalho das organizações envolvidas e também das cozinheiras que buscam através da doação e do voluntarismo se dedicarem à comunidade. Apesar das dificuldades, da falta de estrutura da necessidade de doações constante as pessoas envolvidas se identificam com a ação. Conseguem atender suas próprias necessidades e também da comunidade a que servem.

Chama-se a atenção para algumas limitações no estudo. A primeira delas foi o estudo de um caso específico. O estudo lidou apenas com a cozinha comunitária do Bairro Morada Nova, e teve o foco no trabalho das mulheres. A questão de gênero é bastante evidente, por se tratarem de mulheres e em uma situação de existência precária. Destacar como se dá o cotidiano e as dificuldades destas mulheres é um tema de estudo importante. No entanto, pelo momento foi apenas possível levantar questões quanto ao funcionamento da cozinha comunitária enquanto um projeto social que envolve várias organizações e a comunidade de uma forma geral. Sendo aqui o foco a ajuda mútua e a solidariedade entre as pessoas e instituições envolvidas.

Outra limitação do estudo foi a falta de contato com as famílias assistidas pela ação. A fila formada na frente da cozinha nos dias em que as refeições são servidas é algo que chama muito atenção. As pessoas realmente não tem condições de prover o alimento para suas famílias. Geralmente, gostam de ajudar e também se envolvem com as questões que acontecem na comunidade. Assim, a comunidade também deveria ter sido explorada como uma variável de análise.

A solidariedade também entre as organizações sociais e os movimentos populares também se destacam. Sindicatos, associações, movimentos religiosos entre outras organizações da sociedade civil se reuniram para auxiliar no desenvolvimento das atividades e na garantia das doações para que a cozinha comunitária continuasse executando suas funções. Entender como estas ações e organizações atuam é de grande importância para a gestão e para administração enquanto propostas de alternativas a modelos hegemônicos de gestão que tendem à exploração e não à exaltação das possibilidades do espírito humano.

REFERÊNCIAS

ANTONIO, R.; DA SILVA GUERRA, L. D. Cozinhas comunitárias enquanto estratégia política de segurança alimentar, nutricional e combate à fome: uma revisão da literatura. *Journal of Management & Primary Health Care*. v. 14, n. spec, p. e036-e036, 2022.

ALVESSON, M.; WILLMOTT, H. *Studying Management Critically*. London: SAGE Publications Ltd, 2003.

ANDERSON, B. *Sob Três Bandeiras: Anarquismo e Imaginação Anticolonial*. Campinas: Editora Unicamp, 2014.

ARAUJO, G. E. F.; PAIVA, J. A.; SOUZA, W. J.; MOMO, D. C. Economia solidária à luz do ambiente isonômico de Guerreiro Ramos: vivências do 'Grupo de Mulheres Decididas a Vencer'. *Revista Eletrônica de Ciência Administrativa*, v. 12, n. 1, p. 58-74, 2013.

BARCELLOS, R.M.R.; DELLAGNEL, E.H.L; SALLES, H.K Reposicionando conceitos: a organização fora dos eixos. *Revista de Administração de Empresas*, V.57, n. 1, p. 10-21, 2017.

CASAGRANDE, L.; CAMARA, G. D. Liberdade e convivialidade como práticas contra-hegemônicas nas zonas autônomas. *Revista Pensamento Contemporâneo em Administração*, v. 5, n. 3, p. 115-128, 2011.

CMP BRASIL. Central de Movimentos Populares do Brasil. Portal: Página oficial da CMP. São Paulo. Disponível em: <https://cmpbrasil.org/> . Acesso em: 03 jun. 2023.

CHIESA, C. D.; CAVEDON, N. R. Elementos Anarquistas no Cotidiano de Uma Organização Contemporânea: o Caso da Casa da Cultura Digital de Porto Alegre. *GESTÃO.Org -Revista Eletrônica de Gestão Organizacional*, v. 13, n. 1, p. 11-23, 2015.

CIRILO, G.; COSTA, A. L. Auto gestão: um novo/velho modelo em Administração. *Gestão & Regionalidade*, v. 21, n. 62, p. 36-47, 2005.

COSTEA, B; AMIRIDIS, K. Management education and the humanities: a future together? In: STEYAERT, C., BEYES, T., PARKER, M. "The Routledge Companion to Reinventing Management Education". New York : Routledge, 2016.

GEMELLI, C. E. Capitalismo flexível como propulsor da ideologia gerencialista: um diálogo com Luc Boltanski, Eve Chiapello, Vincent de Gaulejac e Richard Sennett. *Farol - Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*, v. 7, n. 19, p. 738-767, 2020.

GRAEBER, D. *Fragments of an Anarchist Anthropology*. Chicago: Prickly Paradigm Press. 2004.

GRAEBER, D. *Possibilities: Essays on hierarchy, rebellion, and desire*. AK Press. 2007

GOLDMAN, E. *Anarchism and Other Essays*. New York-London: Mother Earth Publishing Association, 1911.

HAVEL, H. Biographical Sketch. In: GOLDMAN, E. *Anarchism and Other Essays*. New York-London: Mother Earth Publishing Association, 1911.

- KROPOTKIN, P. Ajuda Mútua: um fator de evolução. Editora A Senhora, 2009.
- MANOEL, A. A.; ANDION, C. Agricultura urbana, inovação social e governança: um estudo em Florianópolis. Cadernos Metrópole, v. 25, p. 563-590, 2023.
- MANSSON, E. Fome e pandemia fazem crescer rede de cozinhas comunitárias em Uberlândia. Folha de São Paulo, SP. Ed. Online, 25 de novembro de 2021.
- MOTTA, F. C. P. O que é burocracia. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- MOTTA, F. C. P., VASCONCELOS, I. F. G. Teoria geral da administração. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2006.
- MORGAN, Gareth. Imagens da Organização: São Paulo: Atlas, 1996.
- LUNARDON, K. A. F.. “Cozinhando O/Em Comum”: Elementos Da Produção Diferencial Do Espaço Na Ação De Cozinhas Comunitárias Durante A Pandemia De Covid-19. GEOgraphia, v. 25, n. 54, 2023
- PARKER, M.; FOURNIER, V.; REEDY, P. The Dictionary of Alternatives: Utopianism and Organization. Zed Books, London, UK. 2007.
- PARKER, M.; CHENEY, G.; FOURNIER, V.; LAND, C. The Routledge Companion to Alternative Organization, NY. 2014
- PARKER, M.; STOBOROD, K.; SWANN, T. Anarchism, Organization and Management: Critical Perspectives for Students. London: Routledge Taylor & Francis Group, 2020.
- PAULA, A. P. P.; MARANHÃO, C. M. S. A.; BARRETO, R. O.; KLECHEN, C. F. A tradição e a autonomia dos estudos organizacionais críticos no Brasil. Revista de Administração de Empresas, v. 50, n. 1, p. 10-23, 2010.
- PAULA, A. P. P. Maurício Tragtenberg: contribuições de um marxista anarquizante para os estudos organizacionais críticos. Revista de Administração Pública, v. 42, n. 5, p. 949-968, 2008.
- PRASAD, A.; PRASAD, P.; MILLS, A. J.; MILLS, J. H. The Routledge Companion to Critical Management Studies London: Routledge Taylor & Francis Group, 2016.
- PROUDHON, P. J. O que é a propriedade? São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- SESC. Mesa Brasil SESC. Portal: SESC. Disponível em: <https://www.sesc.com.br/atuacoes/assistencia/mesa-brasil-sesc/> . Acesso em: 03 jun. 2023.
- SFERRA, G. Anarquismo e anarcossindicalismo. São Paulo: Ed. Ática, 1987.
- SWANN, T.; STOBOROD, K. Did you hear the one about the anarchist manager? Ephemera: theory & politics in organization. volume 14(4): 591-609, 2014.
- TRAGTENBERG, M. Administração, poder e ideologia. São Paulo: Unesp, 2004.
- TRAGTENBER, M. Desvendando ideologias. Revista de Administração de Empresas, v. 41, n. 3, p. 64-68, 2001.
- WALTER, N. O que é o Anarquismo? Editora Faisca, 2009.

WARD, C. *Anarchism: A Very Short Introduction*. Oxford, Oxford University Press, 2004.